

# Resumos



## Maroc et Ibérie: Conquête, Reconquête et visions croisées

Abd-I-Aziz Assaoud

Quand on parle du Maroc méditerranéen, il s'agit d'une zone carrefour des voies de communications, et d'union entre trois continents. Pour décrire le Maroc méditerranéen, se devait rappeler l'histoire de la Méditerranée occidentale. Certains pays d'Europe comme le Portugal et l'Espagne, aussi la France, l'Italie et l'Angleterre sont entremêlés avec le Maroc dans l'histoire du moyen âge, de l'expansion impériale des XV<sup>e</sup> et XVI<sup>e</sup> siècles, de l'action extérieure européenne dans l'ère moderne, et de la politique coloniale de l'ère contemporaine. La géopolitique a accumulée une mémoire historique qui tombe dans le conflit et l'antagonisme. Cependant, il faut reconnaître qu'il y avait dans les événements historiques aussi des moments de rapprochement et des tentatives d'établir des liens de compréhension qui se sont concentrés souvent sur des aspects politique ou économique.

**Mots-clés:** l'impact méditerranéen, la confrontation, zone d'influence, le Protectorat, l'inflexibilité d'une posture, la claire vision réaliste.

Quando se fala no Mediterrâneo, trata-se de um cruzamento de vias de comunicação e de uma união entre três continentes. Uma descrição de Marrocos mediterrânico deve incluir a história do Mediterrâneo ocidental. Alguns países europeus, como Portugal, Espanha e também a França, a Itália e a Inglaterra, cruzaram-se com Marrocos desde a Idade Média à época moderna e contemporânea. A geopolítica acumulou uma memória histórica que

cai no conflito e no antagonismo. Em contrapartida, é preciso reconhecer que também houve momentos de aproximação e de compreensão mútua com reflexos políticos e económicos.

**Palavras-chave:** conflito, protectorado, Mediterrâneo, Marrocos.

## Le Portugal et les États-Unis face aux puissances barbaresques à la fin du XVIII<sup>e</sup> et début du XIX<sup>e</sup> siècle

Jorge Martins Ribeiro

La jeune république américaine est restée en Méditerranée sans la protection de la marine britannique dont elle a joui jusqu'à son indépendance. Faute d'appui anglais contre la course barbaresque elle a pu compter sur l'aide du Portugal qui maintenait une escadre qui patrouillait le détroit de Gibraltar. On peut d'ailleurs constater que, outre les intérêts commerciaux, celle-ci a été l'une des principales raisons pour lesquelles les États-Unis ont voulu consolider les relations entre les deux pays, notamment avec la signature d'un traité d'amitié et commerce.

Même si ce traité n'a pas été signé, le gouvernement américain a dû se plier à la volonté portugaise c'est-à-dire de posséder des hauts représentants diplomatiques à Philadelphie et à Lisbonne, et non de simples chargés d'affaires comme il le souhaitait. La capitale portugaise était un important port de mer, très bien positionné, car c'était la ville où résidait un diplomate qui négociait avec les régence barbaresques.

En effet Lisbonne a été un excellent poste pour obtenir des informations précises sur ces puissances et le meilleur lieu pour approcher ses dirigeants, de sorte à sauve-

garder les intérêts des États-Unis. David Humphreys, le premier ministre nommé pour Lisbonne, son successeur, William Smith, ainsi que les agents consulaires se sont occupés des relations de leur pays avec Alger, le Maroc, Tunis et Tripoli. Ils se sont notamment préoccupés par les problèmes concernant les citoyens américains faits prisonniers lors des captures de bateaux et par les négociations en vue de la signature de traités de paix. De même, la politique portugaise envers ces régences était suivie avec attention par ces diplomates, car un possible conflit ou accord pouvait obliger le Portugal à replier son escadre du détroit de Gibraltar, ce que aurait porté préjudice aux intérêts des États-Unis. Par ailleurs, les diligences du consul portugais à Tripoli ont permis également l'aboutissement à la paix entre cette puissance et la jeune république américaine.

**Mots-clés:** Maroc, Alger, Portugal, États-Unis, piraterie, commerce.

A jovem República Americana, após a sua independência, ficou no Mediterrâneo, sem a proteção, que até então gozara, da marinha britânica. À falta de apoio inglês contra o corso barbaresco, pode contar com a ajuda de Portugal, país que mantinha uma esquadra a patrulhar o estreito de Gibraltar. Além disto, podemos constatar que, além dos interesses comerciais, esta era uma das principais razões pelas quais os Estados Unidos quiseram consolidar as relações entre os dois países, nomeadamente a assinatura de um Tratado de Amizade e Comércio.

Apesar de este convénio nunca ter sido assinado, o governo Americano teve de aceitar as pretensões portuguesas; quer dizer, ter representantes diplomáticos de alto nível em Filadélfia e em Lisboa, e não simples encarregados de negócios

como desejava. A capital Portuguesa era um importante porto de mar, muito bem localizada geograficamente, para ser uma cidade onde residisse um diplomata que negociasse com as Regências Barbarescas. De facto, Lisboa era um excelente local para a obtenção de informações precisas acerca destas potências e o melhor ponto para uma aproximação com os seus dirigentes, de forma a salvaguardar os interesses dos Estados Unidos. David Humphreys, o primeiro dos ministros a ser nomeado para Lisboa, o seu sucessor William Smith, bem como os agentes consulares ocuparam-se das relações do seu país com Argel, Marrocos, Tunes e Trípoli. Preocuparam-se principalmente com os problemas que diziam respeito aos cidadãos americanos, feitos cativos, aquando das capturas de barcos e pelas negociações com vista à assinatura de tratados de paz. A política portuguesa, em relação a estas Regências, era seguida com atenção por estes diplomatas, pois, um possível conflito ou acordo, poderia obrigar Portugal a retirar a sua esquadra do estreito de Gibraltar, o que prejudicaria os interesses dos Estados Unidos. Por outro lado, as diligências do cônsul Português em Trípoli conduziram também à Paz entre esta potência e a jovem República Americana.

**Palavras-chave:** Marrocos, Argel, Portugal, Estados Unidos, pirataria, comércio.

**John Ninet 1815 – 1895: une vision suisse décentrée de l'Égypte à la fin du XIX<sup>e</sup> siècle**

**Anne-Lise Louca**

Après avoir situé les origines de ce citoyen suisse méconnu, l'article évoque brièvement sa carrière de quarante an-

nées, comme agronome et journaliste, dans l’Egypte des vice-rois, puis son engagement dans la révolution aux côtés d’Arabi.

**Mots-clés:** démocratie suisse, agronomie en Egypte, boom du coton, asservissement financier, révolution.

This paper retraces the origins of this little known Swiss citizen and outlines his 40-year long career as an agronomist and journalist in Egypt under the viceroys, as well as his role in support of Arabi’s revolution.

**Keywords:** Swiss democracy, agronomy in Egypt, cotton boom, financial enslavement, revolution.

### Portugal e Argélia, visões de um conflito: a guerra da independência argelina vista pela diplomacia portuguesa (1954 - 1964)

**Carla Prado**

Com este artigo procura-se perceber qual foi a reação da diplomacia portuguesa (numa época em que os seus próprios territórios coloniais viriam, a partir de 1961, a envolver-se num conflito semelhante) à guerra de independência argelina, partindo do testemunho de Marcello Mathias, Embaixador em Paris e Ministro dos Negócios Estrangeiros à época. Desta forma, veremos a preocupação do Estado Português acerca desta questão, sendo um possível presságio do colapso da política colonial portuguesa.

**Palavras-chave:** Portugal, França, independência argelina, política colonial, diplomacia.

The main goal of this article is to understand the Portuguese diplomatic reaction to the Algerian war of independence (at a time where its own colonial territories would soon fight for a similar purpose), following the account of Marcello Mathias, Portuguese ambassador in Paris and Minister of Foreign Affairs at the time of the events. This question was seen with concern by the Portuguese government, being a eventual prelude of the imminent collapse of its own colonial policies.

**Keywords:** Portugal, France, Algerian independence, colonial policy, diplomacy.

### O Mediterrâneo e as transições democráticas

**Cláudia Toriz Ramos**

Se o Mediterrâneo foi espaço geopolítico e cultural “central” da Antiguidade europeia, ainda inscrito nas matrizes culturais da Europa contemporânea, a história longa da Europa, em particular com a industrialização, deslocou o “centro” do dinamismo europeu para norte, conferindo ao sul europeu um certo carácter de periferia, assim gerando um efeito centrípeta daquele sobre este e, porventura, delindo laços ancestrais de vicinalidade e entrosamento com o outro lado do Mediterrâneo.

No entanto, as transições democráticas, que a literatura da área diseca nos seus mecanismos e etapas sucessivas (liberalização, transição, consolidação) ocorreram também na Europa em vagas ainda recentes e parecem agora começar a emergir em toda a bordadura do Mediterrâneo. Correspondem, regra geral, a um cruzamento complexo de factores endógenos e exógenos, havendo por isso amplo espaço, na

sua análise, quer para a individualização de casos, quer para os estudos comparativos. Ocorrem também mecanismos de “contaminação”, sobre espaços regionais, dadas circunstâncias comuns e propagação de modelos através das fronteiras dos Estados que poderão configurar, entre outros, efeitos de atracção do norte do mediterrâneo sobre o seu sul.

Recorrendo-se de uma abordagem comparativa, com base nos indicadores de democratização disponíveis na literatura e nas instâncias de observação internacional, este artigo pretende assim cartografar a dimensão “regional” do Mediterrâneo, no que respeita aos processos de democratização aí ocorridos/em curso, procurando identificar similitudes, diferenças e eventualmente contaminações.

**Palavras-chave:** democratização, “primavera árabe”, união europeia, norte de África, Médio Oriente.

The Mediterranean region was a central geo-political and cultural space of Ancient Europe, its cultural imprint reaching up to the present. Yet, throughout history, and especially at the time of industrialisation, the European ‘centre’ moved steadily northwards, whilst the south gradually became ‘peripheral’. For that reason, the north has exerted a certain centripetal effect upon the south, which has in turn led to the gradual blurring of some of the ancestral links with the other side of the Mediterranean Sea.

Yet, democratic transitions (in the literature characterised by a succession of stages – from liberalisation to transition and consolidation), which had occurred in Europe in some cases quite recently, seem now to be emerging around the whole Mediterranean Sea. In general, they are the result of an intricate mixture of typified endogenous and

exogenous factors, thus allowing not only for case study research but also for comparative approaches. Mechanisms of diffusion across regional spaces have emerged before in other cases and under common circumstances, resulting in the dissemination of patterns across state borders. Such an effect can also be hypothesised for the Mediterranean region, notably for the potential attraction exerted by the northern border upon the southern border.

Departing from a comparative approach that relies upon indicators available in the literature and data from international observers, the paper addresses contemporary democratisation processes in the Mediterranean region, seeking to identify similarities, differences and eventually dissemination mechanisms.

**Keywords:** democratisation, “arab spring”, european union, Middle East, North Africa.

### **The Turkish Model: new dynamics on Mediterranean’s policy**

**Jorge Rodrigues**

The overall changes on the strategic environment has put Ankara on the gravity center of some of the most important international conflicts. With AKP’s recent external policy, breaking away with Atatürk’s legacy of non-interventionism, Turkey opened the way for a new regional strategic chapter.

Considering its interests and its influence - which spreads from Afghanistan to Northern Africa, Ankara’s Foreign Affairs Ministry, Davutoglu, developed an important net, independent of the country’s internal situation.

This article intends to identify the evolution of this new Turkish foreign policy, and the real influence that Ankara has on this

“Southern Corridor”. This requires an affirmative foreign policy, an international actor.

**Keywords:** Turkey, model, corridor, Mediterranean, dilemma.

A abordagem do novo sistema das relações da sociedade internacional conduziu, com a chegada ao poder dos islamistas do AKP, a uma aproximação turca diferenciada, e longe do legado não-intervencionista de Atatürk. Neste paradigma foi desenvolvido um novo caminho para a política externa turca, em que foram privilegiadas as relações de proximidade com os países vizinhos, bem como junto de diversos atores internacionais, considerados no âmbito dos interesses estratégicos de Ancara.

A “Primavera Árabe” e os conflitos que envolvem os diversos países da região, transformaram todo o enquadramento político-estratégico, colocando a Turquia no centro nevrálgico de toda uma nova dinâmica. Nesse contexto, e mais do que uma ação reativa, Davutoglu, MNE da Turquia, procurou implementar uma inovadora política estratégica que lhe permitisse transformar Ancara num interlocutor regional privilegiado.

Neste artigo procura-se lançar subsídios para uma identificação da nova identidade de política externa turca.

Não se constituindo como um modelo *per se*, o sistema apresentado pela Turquia poderá revelar a importância do “corredor sul”, a qual será demonstrada pela real capacidade de Ancara em conseguir influenciar, numa perspectiva de longo prazo, os diversos atores regionais e internacionais, resistindo às diversas idiossincrasias internas, e impondo uma política externa afirmativa e pragmática.

**Palavras-chave:** Turquia, modelo, corredor, Mediterrâneo, dilema.

## La prudence française face au printemps arabe: - l'héritage du passé colonial

Serge Allemand

La venue du Printemps arabe a été pour le monde occidental une énorme surprise accueillie d'abord avec enthousiasme, ensuite avec une relative prudence.

Nous avons observé avec étonnement la frilosité de l'Occident, voire son inquiétude face à ce tournant historique de l'histoire de l'Arabie. Pourquoi ces révolutions populaires de Tunisie et d'Égypte qui ont porté si haut les valeurs universalistes de la «Démocratie française» ont-elle été si peu plébiscitées et soutenues par la France (classes politiques et intellectuels compris)? On examinera ici quelques faits explicatifs de la prudence française qui procèdent de la raison politique et qui interrogent directement notre histoire coloniale. Le Printemps Arabe 2010 a provoqué un bouleversement géopolitique et une rupture historique exceptionnels. S'ouvre aujourd'hui un long processus démocratique dont il est difficile de juger de ses chances d'accomplissement.

**Mots-clés:** prudence, occident, orientalisme, archéologie, histoire coloniale française - racisme d'Etat, processus démocratique.

For the Western world, the arrival of the Arab Spring was an enormous surprise, welcomed first with enthusiasm then with a certain reticence. We were astonished to witness the reservations, even the fear, of the west, confronted by this historical turn around in the history of the Arabic world. Why were these popular revolutions in Tunisia and Egypt, that carried high the standards of universal values as

proclaimed by the French Democracy, so poorly acclaimed by both politicians and intellectuals in France?

This article looks at some of the reasons for France's cautiousness that stem from political reasons and question directly the history of French colonialism. The Arab Spring of 2010 provoked an exceptional geopolitical upheaval. Now begins a long process towards democracy; it is difficult at this time to judge its chances of success.

**Keywords:** prudence, east, orientalism, archeology, french colonial history, state racism, democratic process.

### Les masques de l'autre

#### Maria de Fátima Marinho

Les textes littéraires ont toujours été liés à la construction de l'identité, individuelle ou nationale, et cette identité, même fictive et impliquée par beaucoup de facteurs, devient une entité légitimatrice des attitudes et des sentiments, tous conventionnels qu'ils soient. L'affirmation de l'identité est en rapport avec la construction de la nationalité et ce n'est pas par hasard que tous les moments de crise veulent, émotionnellement, avoir des droits d'autonomie et d'appartenance.

Dans ce petit essai, on essaiera de démontrer comment les notions d'identité

et de nationalité sont intimement liées à la vision de l'autre et comment cette vision s'est modifiée jusqu'à atteindre une focalisation critique et hétérodoxe chez des auteurs comme Mário de Carvalho ou José Saramago.

**Mots-clés:** identité, nationalité, vision de l'autre.

Desde cedo que os textos literários estiveram em íntima ligação com a construção da identidade, seja ela a pessoal ou a nacional, e que essa identidade, mesmo se pode ser sentida como uma construção fictícia implicada por um sem número de condicionantes, aparece como legitimadora de atitudes e de sentimentos, por mais convencionais que eles aparentem ser. A afirmação da identidade está intimamente ligada com a construção da nacionalidade e não é por acaso que os momentos de crise se arrogam, quase sempre emocionalmente, direitos de autonomia e de pertença.

Neste pequeno ensaio, tentaremos demonstrar como as noções de identidade e de nacionalidade estão intimamente ligadas com a visão do outro e como essa visão se foi modificando até se atingir uma focalização crítica e heterodoxa em autores como Mário de Carvalho ou Saramago.

**Palavras-chave:** identidade, nacionalidade, visão do outro.